



AS CONTRIBUIÇÕES DAS NOVAS COMUNIDADES CRISTÃS PARA A TEOLOGIA DO LAICATO

(The Contributions of the New Christian Communities for Theology of the Laity)

Me. Fernando Rodrigues Francisco*

Mestrado em Comunicação pela Université Catholique de Louvain.

Graduação em Filosofia (PUC-SP).

Email: fernando_francisco@hotmail.com

RESUMO

João Paulo II foi o papa que destacou a importância das Novas Comunidades Cristãs no seio da Igreja. Bento XVI deu continuidade à iniciativa de seu antecessor. Nós somos herdeiros de uma Teologia do Laicato bastante elaborada, porém pouco conhecida na prática. Desde o Concílio Vaticano II a Igreja tem promovido o protagonismo dos leigos. Nos dias atuais, nós vemos uma proliferação de Novas Comunidades cuja iniciativa, na maioria dos casos, parte dos fiéis leigos e não dos ministros ordenados.

Palavras-chave: Teologia do Laicato. Leigo. Novas Comunidades Cristãs. Igreja.

ABSTRACT

John Paul II was the pope who noted the importance of the New Christian Communities within the Church. Benedict XVI continued the initiative of his predecessor. We are heirs to a Theology of the Laity quite elaborate but little known in practice. Since Vatican II the Church has promoted the role of the laity. Nowadays, we see a proliferation of new communities whose initiative, in most cases, part of the laity and not ordained ministers.

Keywords: Theology of the Laity. Laity. New Christian Communities. Church.

INTRODUÇÃO

No dia 30 de maio de 1998, festa de Pentecostes, o Papa João Paulo II esteve reunido com mais de 400 mil membros de cerca de 60 Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades na Praça de São Pedro. Foi o primeiro encontro entre um Papa e as Comunidades da Igreja.

Se o Concílio Vaticano II foi o Concílio que mais deu atenção aos fiéis leigos e sua participação na Igreja, sem dúvida nenhuma João Paulo II foi o Papa que deu maior abertura e notoriedade às Novas Comunidades. O Papa chega a definir as Novas Comunidades como sinais de esperança para o bem da Igreja e dos homens.

O Pontifício Conselho para os leigos, organismo da Cúria Romana, encarregado em acompanhar as Novas Comunidades, assumiu a promoção e a organização desta assembléia.¹ O convite foi feito pelo Papa João Paulo II na Vigília de Pentecostes de 1996:



Naquela ocasião fiz votos para que, no caminho rumo ao Grande Jubileu do Ano 2000, durante o ano dedicado ao Espírito Santo, eles oferecessem um testemunho comum e, em comunhão com os Pastores e em ligação com as iniciativas diocesanas, [desejassem levar] ao coração da Igreja a sua riqueza espiritual, educativa e missionária, como preciosa experiência e proposta de vida cristã.²

João Paulo II queria que o mundo descobrisse a fecunda vitalidade das Comunidades no Povo de Deus,³ que naquela ocasião se preparava para cruzar o limiar do terceiro milênio da era cristã. O Papa reconheceu sua existência e lhes deu o grande impulso motivador na Igreja.

O Papa quis que esta assembléia acontecesse no ano de 1998 porque foi o ano consagrado ao Espírito Santo, fonte primeira dos carismas, por ocasião da festividade do Grande Jubileu do Ano 2000. Antes, porém, do dia 30 de maio de 1998, o Papa esteve reunido com os participantes do primeiro Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais.

Portanto, nos dias 27-29 de maio de 1998, o Pontifício Conselho para os Leigos, cujo presidente era o Cardeal James Francis Stafford, organizou e promoveu o I Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, cujo tema foi: *Os Movimentos Eclesiais: comunhão e missão no limiar do terceiro milênio*.⁴ Este evento foi seguido do grande encontro do Papa com os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades, na Vigília de Pentecostes.

O Congresso comportou uma rica reflexão teológica sobre os Novos Movimentos e as Novas Comunidades. Um dos interventores do Congresso de 1998 foi o então Cardeal Joseph Ratzinger, enviado como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Já em 1985, em uma entrevista com Vittorio Missori, ele disse:

O que marca de esperança toda a Igreja – precisamente também no meio da crise da Igreja no mundo ocidental – é a eclosão de novos Movimentos que ninguém planejou, nenhuma pessoa chamou, mas que provêm simplesmente da vitalidade interior da fé. Neles se nota – ainda que sem barulho – aquilo que seria como uma aurora de Pentecostes na Igreja.⁵

Bento XVI faz um segundo convite às Comunidades a participarem de um segundo Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, na Vigília de Pentecostes 2006.⁶ Bento XVI disse claramente a toda a Igreja que gostaria de dar um importante sinal de continuidade ao magistério de João Paulo II sobre este ponto. O tema do Congresso de 2006 foi: *A beleza de ser cristão e a alegria de o comunicar*.⁷ O coração do Congresso e do Pentecostes de 2006, segundo Dom Stanislaw Rylko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, foi a pessoa do Cristo, *o mais belo dos homens (Sl 45)*.⁸ E, no centro da reflexão do Congresso, D. Rylko fez a pergunta: *Como transmitir o esplendor da beleza do Cristo no mundo de hoje?*⁹ E ele mesmo segue seu comentário dizendo:

A experiência da beleza de ser cristão encontrou e encontra ainda hoje um terreno particularmente fértil nos Movimentos Eclesiais e nas Novas Comunidades. Os carismas dos quais nasceram produzem itinerários



pedagógicos que continuam a formar multidões de autênticos testemunhos da beleza do Cristo, cristãos dos quais a fé é muito mais que uma teoria angelical de sentimentalismo: é uma escolha radical de vida que conduz ao seguimento de Cristo. Assim, nesta triste atmosfera do nosso mundo [...], começa aparecer luzes de esperança, lugares que irradiam a irresistível Beleza que salva o mundo, como o dizia Dostoievski.¹⁰

Diante dos diversos carismas que o Espírito Santo suscitou para a Igreja, pode-se afirmar que, em todos os casos, eles trazem no coração¹¹ o Evangelho vivo.

As Novas Comunidades dão capital importância à vida de oração e procuram educar a fé de seus membros. Procuram dar ênfase à vida comunitária que se exprime pela quantidade de tempo dado aos encontros e reuniões, pela valorização dos gestos de reconciliação, pela colaboração assídua das tarefas e serviços, pela simplicidade do estilo de vida. E tudo isso faz parte de um estilo de vida fundamentado no Evangelho. As pessoas aderem livremente a esse estilo evangélico e vivem experiências profundas do amor de Deus. Esta experiência profunda de Deus conduz cada membro de uma Nova Comunidade a ter um único líder e senhor: Jesus Cristo.

As Novas Comunidades estão mais empenhadas em trazer os *afastados* para o centro da Igreja. Muitos *recém convertidos* devem ainda consolidar sua vida de oração, devem aprender as aplicações de uma vida com os outros, devem adquirir um certo nível de equilíbrio psicológico¹² (CAZA, 2007, p. 445, tradução nossa), devem estudar mais o Magistério e a Tradição da Igreja, devem conhecer a Sagrada Escritura. Porém, estas Comunidades também se interessam, de alguma forma, à questão social. Falta a elas o discernimento das melhores formas de compromisso pelo qual poderiam contribuir para a transformação da sociedade em direção ao Reino.

A força das Novas Comunidades reside na capacidade que elas têm de acompanhar, sobre o caminho da fé, todos os quais a modernidade obscureceu o sentido da vida, aqueles que não viam mais na Igreja um lugar onde pudessem encontrar as respostas fundamentais.

Inseridos na diocese e na paróquia estes novos carismas, dons do Espírito Santo, só podem vir a renovar a experiência espiritual dos fiéis leigos, oferecendo a eles um acesso a toda riqueza que guarda o corpo eclesial: nada menos que sua catolicidade.

Não importa classificar de aberto ou de tradicionalista uma Nova Comunidade. O mais importante é que elas vivam a Igreja *como sacramento ou sinal e instrumento da íntima união de todo o gênero humano com Deus*.¹³

1. NOVAS LUZES PARA UMA TEOLOGIA DO LAICATO

As Novas Comunidades são diferentes das fundações das Congregações Religiosas que exigem o celibato, comunidades separadas (masculinas e femininas) e os votos. As Comunidades são formadas majoritariamente por leigos. Muitos destes grupos são



advindos da Renovação Carismática e outros não. No que concerne a vida religiosa, as categorias são mescladas. Há grupos que têm um estatuto de Instituto de Vida Consagrada. Deste ponto de vista, eles não se diferenciam dos Institutos mais antigos. Muito além do estatuto canônico, estes grupos são marcados pelo seu contexto de nascimento e sua inscrição na corrente das Novas Comunidades.

A compreensão de vida consagrada e a formação dos membros consagrados ou ordenados das Novas Comunidades nem sempre se encontram conforme as orientações da Igreja, exigindo melhor definição canônica e orientação da Igreja local.¹⁴

Há ainda as comunidades do tipo hierárquico e as comunidades do tipo associativo.¹⁵

As comunidades hierárquicas, como são a paróquia e a diocese, supõem uma pertença objetiva na maior parte do tempo estabelecida a partir do território de habitação. Elas são desejadas pela autoridade hierárquica para que possam oferecer todos os bens da vida cristã para a salvação de todos: o anúncio da Palavra, a celebração dos Sacramentos e a administração de uma igreja. Estas comunidades são erigidas ao redor de um padre ou um bispo que se torna o encarregado da sua ação pastoral e espiritual. Cada cristão pertence de fato a uma comunidade hierárquica.

As comunidades associativas se fundamentam sobre o direito de associação da Igreja.¹⁶ Elas são o resultado de cristãos que se associam para viver e desenvolver tal aspecto da sua vida de fé. As Novas Comunidades pertencem a esta categoria porque são organizadas em associações de fiéis. Estas associações gozam de uma legítima liberdade, porém devem estar em conformidade às normas fixadas pelo Código de Direito Canônico e devem satisfazer aos *critérios de eclesialidade* precisados pelo Papa João Paulo II na sua exortação apostólica *Christifideles Laici*¹⁷ aos fiéis leigos: primado dado à vocação de cada cristão à sociedade, responsabilidade em professar a fé católica, testemunho de uma comunhão sólida e convicta, conformidade e participação na finalidade apostólica da Igreja, empenho de uma presença na sociedade humana.

Diante de uma sociedade pluralista, secularizada e fragmentada que produz problemas enormemente complexos e difíceis, o Papa João Paulo II afirma:

Na verdade, a incidência “cultural” fonte e estímulo e, simultaneamente, fruto é sinal de todas as demais transformações do ambiente e da sociedade, só se pode alcançar com a ação, não tanto dos indivíduos, mas de um “sujeito social”, isto é, com a ação de um grupo, de uma comunidade, de uma associação, de um movimento [...] sobretudo num mundo secularizado, as várias formas agregativas podem representar para muitos uma ajuda preciosa em favor de uma vida cristã coerente, com as exigências do Evangelho e de um engajamento missionário e apostólico.¹⁸

Tanto as comunidades hierárquicas como as comunidades associativas devem ter uma profunda unidade que as anima: *a de participar responsabilmente na missão da Igreja de levar o Evangelho de Cristo, qual fonte de esperança para o homem e de renovação para a sociedade*.¹⁹ Por este motivo, as paróquias e as Novas Comunidades não devem nunca se opor. São duas lógicas de vida eclesial diferentes, dois modos diferentes de



engajamento por parte dos cristãos, porém com uma única finalidade: fortalecer a Igreja que é enviada para dar continuidade à *obra redentora de Cristo, que consiste essencialmente na salvação dos homens e inclui também a instauração da ordem temporal*.²⁰

Uma paróquia que é confiada a um padre associado a uma Nova Comunidade, que assume a vida pastoral e espiritual de uma paróquia, não pode misturar as duas lógicas de vida eclesial. As Novas Comunidades devem ocupar os seus espaços na paróquia, mas não devem *ser* a paróquia. Bem como um padre não pode fazer da sua Comunidade o *carro chefe* na paróquia. Deve-se, neste caso, respeitar o carisma, a vida e a obra da Comunidade sem perder de vista a vocação original imprescindível da paróquia. Isto não significa dizer que a paróquia deva assumir o antigo tipo de organização, pelo contrário, ela deve se transformar cada vez mais em uma verdadeira *comunidade paroquial*. E a Comunidade deve ajudar a paróquia a acolher e a conhecer, na intimidade, cada um dos seus membros. Talvez esta seja uma das respostas para a atuação da Comunidade na realidade paroquial, pois o Concílio Vaticano II não aprofundou a questão da contribuição das Novas Comunidades na vida pastoral.

A novidade eclesial em questão é diferente em relação a outras comunidades associativas da Igreja. Os movimentos da Ação Católica representavam, por exemplo, até o final dos anos 1970, uma grande parte das comunidades associativas²¹. Porém, suas características são diferentes dos traços das novas comunidades: a Ação Católica representava um fenômeno mais homogêneo, mantinha sua unidade graças aos meios de difusão das informações e das campanhas anuais e era liderado por padres militantes que chegavam, em alguns casos, até a *forçar* uma relação dos movimentos com a Igreja diocesana e a *integrar* os movimentos na dinâmica pastoral paroquial.

Muito mais interessante do que ressaltar as diferenças dos antigos em relação aos novos movimentos da Igreja é definir a questão das novidades trazidas por estes últimos movimentos.

2. AS NOVIDADES CARACTERÍSTICAS DAS NOVAS COMUNIDADES

Vale lembrar que as Novas Comunidades não são as únicas detentoras das novidades. Algumas comunidades religiosas também se abriram à participação dos leigos. Estes grupos já existiam nas comunidades mais antigas fundadas antes do século XVI: Franciscanos, Dominicanos, Cistercienses [...], mas a novidade é que recentemente estes grupos aumentaram significativamente seus números. Muitos leigos estão associados a estas Congregações Religiosas e podem, permanecendo leigos, viver da espiritualidade e se engajar na vida destas comunidades. Este é um fenômeno ainda pouco estudado. Estes grupos oferecem uma tradição espiritual precisa, inscrita na história, um sentimento de pertença a uma família internacional e também, como em todas as outras comunidades, uma atenção personalizada ao membro associado.



Uma das características destas Novas Comunidades é a de serem chamadas *Novas*. Eles querem renovar a vida de comunhão e partilha da Igreja e criar um novo paradigma na obra evangelizadora. Isto em relação ao antigo tipo centralizador de organização apresentado pela Igreja. As Novas Comunidades não consideraram ineficaz a pastoral tradicional. Elas sugerem novas formas de evangelização para que a pastoral não fique resumida a uma *pastoral de manutenção* de serviços essenciais. As diversas Comunidades não pretendem dividir a Igreja, mas querem propor uma reforma espiritual e carismática no interior da Igreja Católica. Elas não qualificam a Igreja como *institucional* e não pretendem mudar sua estrutura. A transformação destas formas de associação está na busca de uma experiência profundamente evangélica vivida em pequenos grupos, em comunidade.

Os membros associados têm consciência da *novidade* que a graça batismal traz à vida, pela experiência profunda de um encontro forte com Jesus Cristo. Esta experiência faz com que *os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo*.²²

Esta experiência integra a dimensão corporal e emocional no caminho da fé. Os membros passam a dar um novo sentido às antigas práticas de piedade: adoração ao Santíssimo, reza do terço, procissão, capelinhas, culto à Virgem Maria, devoção aos santos, romaria a Santuários [...]. Passam a valorizar a liturgia a partir do momento que eles aprendem seu verdadeiro sentido. Fazem a leitura e o estudo comunitário da Sagrada Escritura. Partilham experiência vividas à luz do Evangelho. Muitos leigos retomam as práticas de oração litúrgica e passam a rezar a Liturgia das Horas. Comungam diariamente ou se esforçam para participarem do maior número possível de missas durante a semana. Passam a valorizar o sacramento da Reconciliação. São obedientes à hierarquia da Igreja: amam o Papa, são fiéis ao bispo e servem com fidelidade e respeito o padre.

As Novas Comunidades oferecem um grande número de cursos de formação eclesial, litúrgica e espiritual para os seus membros, formando pensadores e pessoas que estejam nos níveis de decisão.²³

São elas um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje. São lugares de experiência cristã e evangelização que, em meio à situação cultural que nos afeta, secularizada e hostil à Igreja, se fazem muito mais necessários.²⁴

Estes lugares onde a Igreja, com sua presença ética coerente, deve estar presente e preparada para saber dialogar com o mundo moderno são chamados de *novos areópagos*:

O mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias, a promoção da mulher e das crianças, a ecologia e a proteção da natureza. E 'o vastíssimo areópago da cultura, da experimentação científica, das relações internacionais'.²⁵



Muitas Comunidades destacam-se pelo uso dos diversos meios de comunicação social. Usam uma linguagem adequada que atinge o coração das pessoas. Uma vez *evangelizado*, o novo membro é imediatamente chamado a ser missionário.

A ação dos fiéis leigos [...] aparece hoje cada vez mais necessária e preciosa. Na verdade, a ordem do Senhor 'Ide por todo o mundo' continua a encontrar muitos leigos generosos, prontos a deixar o seu ambiente de vida, o seu trabalho, a sua região ou pátria, para ir, ao menos por um certo tempo, para zonas de missão. Mesmo casais cristãos [...] oferecem o confortante testemunho de amor apaixonado por Cristo e pela Igreja com a sua presença ativa em terras de missão.²⁶

Todos os medos e todas as barreiras são vencidas, pois eles são motivados pela incondicional confiança na ação do Espírito Santo que os capacita. Uma vez capacitado, o fiel chamado a ser missionário passa a contribuir ativamente com a Igreja, cuja vocação e missão consiste em *levar o Evangelho a quantos – e são milhões e milhões de homens e mulheres – que não conhecem ainda a Cristo Redentor do homem.*²⁷

Uma característica importante dos membros das Novas Comunidades é justamente este *amor apaixonado por Cristo e pela Igreja*²⁸ que se torna visível. Por isso, eles não se intimidam em anunciar o Evangelho ou defender a Igreja de injúrias ou acusações. Não têm medo de demonstrar suas fraquezas e limitações, suas dores e sofrimentos, pois associam tudo à paixão redentora de Cristo que tem sua luz na ressurreição.

A qualidade da música e dos cantos, a alegria espontânea que resulta dos encontros, a partilha de experiências vividas, o aprofundamento da Palavra são sinais da presença do Espírito de Deus entre eles. Esta atenção especial dada ao Espírito acaba levando as pessoas a se aprofundarem no mistério da Trindade.

A dimensão de comunhão é essencial na vida das Novas Comunidades. Em boa parte das Comunidades está presente a dimensão ecumênica. O discurso que prevalece parte daquilo que unifica raças, povos e nações, e nunca evidencia as diferenças e os erros dos outros. Eles estão atentos em viver e difundir a *arte de amar* na Igreja e no mundo.

Diferentemente das comunidades de base dos anos 1970, as Novas Comunidades não têm como característica a preocupação de uma militância sócio-política. Hoje, a grande maioria das Novas Comunidades oferece uma experiência fraternal, um recomeçar na fé e um chamado a servir a Igreja e a sociedade. Entre todos os tipos de novas comunidades que surgiram nas últimas décadas, o impacto das Novas Comunidades, em termos de número e influência, parece ser bem maior comparado aos dos modelos comunitários militantes.

As Novas Comunidades que surgiram da experiência da renovação carismática formam as famílias espirituais com a maior diversidade de pertença. Elas oferecem uma mistura de fórmulas antigas com métodos novos e conseguem, com isso, atrair o público mais jovem. Os grupos mais jovens preferem uma evangelização mais direta, explícita e intencional. Este tipo de comunidade está em pleno crescimento. Esta é uma característica nova e importante destas Comunidades.



A comunidade paroquial constituída por uma parcela significativa de membros de uma Nova Comunidade é raramente um tipo de massa anônima. Porém, um carisma único e preciso não deve se impor sobre a missão eclesial confiada à paróquia.

A relação das novas comunidades com a Igreja particular é um grande desafio na definição de sua eclesialidade. Os “ministérios” ou outras atividades evangelizadoras, na comunidade, ocorrem geralmente, de modo autônomo, sem relação com as pastorais ou movimentos da paróquia ou diocese. Há novas comunidades que, embora querendo, não alcançam a devida inserção nas paróquias por falta de abertura e apoio. Nos casos de recusa de assistência do pároco, o recurso à assistência de outros sacerdotes pode agravar as dificuldades, seja pelas tensões que pode provocar, seja pelo fato de esses sacerdotes nem sempre terem as condições para o devido acompanhamento e orientação da comunidade. Além disso, a sustentação econômica, especialmente através do dízimo e de doações, bem como a administração dos bens, também costuma restringir-se ao âmbito interno da comunidade, sem prestação de contas, contribuição ou ligação com a Igreja particular.²⁹

Sabe-se que o número de fiéis das comunidades cristãs locais está diminuindo cada vez mais. Na Europa vê-se paróquias sendo agrupadas em unidades pastorais mais amplas, com suas sub-comunidades e outras ainda desaparecem na fusão e igrejas são colocadas à venda.³⁰ Diante desta triste realidade uma restauração urgente se faz necessária na forma de evangelizar. A Igreja de alguns países não consegue mais manter a infraestrutura concebida para uma época de grande participação de fiéis. Talvez, as Novas Comunidades possam, na sua missão evangelizadora, responder ao desafio da Igreja que está em declínio em algumas partes do mundo.

A Igreja da Europa está estruturada, mas falta a participação dos fiéis. As Novas Comunidades estão ocupando um papel importante na ação evangelizadora com o trabalho de *restauração* profunda da espiritualidade dos europeus. A Igreja no Brasil ainda tem fiéis em grande número na maioria das paróquias, mas está se estruturando.

Ela representa uma Igreja relativamente *jovem* comparada com a europeia. Porém, grande parte das Comunidades presentes no país não oferece uma ajuda com soluções estruturais ou sociais; elas oferecem soluções para os problemas de cunho sobretudo espiritual. Muitas vocações saem daqui para servirem às Novas Comunidades em outras parte do mundo. As Comunidades, na sua maioria e em qualquer parte do mundo, procuram transmitir de forma renovada a fé e os valores da Igreja. Logo, as Comunidades se caracterizam como *lugares* de experiência espiritual, portadores de vida e de doutrina. As Novas Comunidades não sentem a necessidade de mudar ou simplesmente *conservar* a estrutura da Igreja. Elas sentem que devem conservar valores e firmar as relações do ser humano com Deus, com o próximo, consigo mesmo e com o mundo.

Graças às ações e obras realizadas pelas Novas Comunidades, pode-se indicar alguns aspectos para a pastoral do futuro: será fundamentada na fé originária, personalizada e comunitária.³¹ Em Maio de 98, João Paulo II citou três pontos que são frutos das Novas Comunidades e que poderão contribuir para a elaboração da pastoral do futuro. São eles:



- participação laical na realidade eclesial;
- método de evangelização fundamentado na fé e no testemunho cristão;
- carisma particular herdado do fundador.³²

O Papa João Paulo II deixa bem claro que:

A originalidade própria do carisma que dá vida a um Movimento não pretende, nem o poderia, acrescentar algo à riqueza do *depositum fidei*, conservado pela Igreja com apaixonada fidelidade. Ela, porém, constitui um apoio poderoso, um apelo sugestivo e convincente a viver plenamente, com inteligência e criatividade, a experiência cristã.³³

Aí está o pressuposto para encontrar respostas aos desafios e às urgências do nosso tempo e à elaboração de uma pastoral renovada. A estes elementos deve-se ainda somar outros três traços específicos: a fraternidade em nome de Jesus Cristo (*communio*), os novos métodos de catequese e a formação missionária.³⁴

Mesmo que as nossas paróquias estejam menos freqüentadas, elas estão longe de desaparecer. É obvio que elas não encontrarão mais a glória do passado, mas podem permanecer vivas, atuantes e trabalhando com as necessidades de um grupo reduzido de fiéis desejosos de aprofundar a sabedoria da tradição católica. Muitas paróquias, sobretudo aqui no Brasil tornaram-se, após terem incorporado algumas das características das Novas Comunidades, o que se pode chamar de *paróquias novas* ou *comunidade de comunidades*. Não se pode afirmar que este será o modelo preponderante da pastoral do futuro. Muitas hipóteses serão levantadas e muitos anos de estudos terão que passar para a Igreja chegar a uma conclusão. A única certeza é que o caminho a percorrer está apenas começando, e este caminho passa pela diversidade.

3. A DIMENSÃO CARISMÁTICA DAS NOVAS COMUNIDADES

Apesar da pluralidade de experiências abarcadas por este fenômeno eclesial que ora estudamos, emergem pontos-chave identificáveis sem maiores dificuldades. Uma nota comum a estas expressões associativas dos fiéis é a dimensão carismática.

Nas Novas Comunidades podem participar homens e mulheres, casados e solteiros, famílias com crianças, leigos, consagrados, sacerdotes e religiosos de diferentes congregações. Na formação das Novas Comunidades é sem dúvida Deus quem toma a iniciativa de agregar as pessoas.

Há também aqueles que se agregam à Comunidade por motivos espirituais e apostólicos.³⁵ Outros são tocados pela pregação, fundamento da motivação dos encontros, retiros, grupos de louvor e de oração. Esta pregação está centrada na proclamação do Kerigma.³⁶ Muitos aderem à Comunidade pelas músicas, pela animação e harmonia do ministério de música. Outros são tocados pelo ministério de intercessão que procura desenvolver uma oração no Espírito. Outros ainda pela leitura da Escritura.



Todos estes elementos são essenciais na edificação de uma Nova Comunidade. Porém, sabe-se que a maioria das pessoas busca a Comunidade para sanar alguma carência: dor, sofrimento e falta de fé, de esperança e de amor. Por isso, os encontros da maioria destas Comunidades são alegres, festivos, com muita música e os fiéis reagem rezando forte (alguns até em *línguas*), louvando, pedindo, agradecendo, cantando, batendo palmas, dançando, *repousando* no Espírito [...].

Nestes grupos sente-se a responsabilidade que um tem com o outro. Partilham-se experiências espirituais mais também bens materiais, quando necessário. Os membros associados a uma Comunidade selam um compromisso, uma *aliança* com a própria comunidade e seus membros. Por isso, cada Comunidade tem o seu carisma, estatuto ou regras próprias.

As Novas Comunidades têm, em geral, fundadores e dirigentes leigos e leigas, independentes do pároco, bem como, no caso de comunidades de origem carismática, independentes dos próprios dirigentes diocesanos da Renovação Carismática Católica. Convertem-se num espaço de participação efetiva dos leigos, que nela exercem os diversos “ministérios” e assumem o seu governo de modo autônomo ou relativamente autônomo.³⁷

O novo apelo de ser uma Igreja preparada para acolher os *novos fiéis* ou os *fiéis afastados* deve se tornar um novo paradigma. Após o Concílio Vaticano II, os leigos passaram a participar da vida da Igreja que convocava todo batizado a ser protagonista de uma evangelização mais eficaz e da busca da santidade. Desta forma, as Novas Comunidades aparecem com sua diversidade de carismas para responderem às necessidades dos fiéis. E estes fiéis, após terem encontrado o carisma mais adequado a sua forma de vivenciar o Evangelho, passam a gozar de uma especial dignidade: a de serem membros vivos e atuantes da Igreja.

Na mensagem aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais em Maio de 98, o Papa João Paulo II disse:

Os carismas reconhecidos pela Igreja representam vias para aprofundar o conhecimento de Cristo e para se dar com mais generosidade a Ele, enraizando-se contemporaneamente sempre mais na comunhão com o inteiro povo cristão. Eles merecem, por isso, atenção da parte de cada membro da Comunidade eclesial, a começar pelos Pastores, aos quais é confiado o cuidado das Igrejas particulares, em comunhão com o Vigário de Cristo.³⁸

É o mesmo Espírito Santo quem enriquece a Igreja com dons e impulsos especiais, chamados carismas. Eles podem assumir as mais variadas formas:

Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer (1Cor 12,7-11).³⁹



O Espírito Santo capacita homens e mulheres distribuindo entre eles dons especiais. Estes homens e mulheres, por sua vez, devem se colocar a serviço dos outros a graça que recebeu. Desta forma, todos os dons devem ser colocados à disposição de todos. É assim que a comunidade se torna o Corpo de Cristo, na qual todos os membros formam um só corpo.

Os carismas, sejam extraordinários ou simples e humildes, são graças do Espírito Santo que têm, direta ou indiretamente, uma utilidade eclesial, ordenados como são à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo.⁴⁰

Os carismas continuam a florescer nos nossos dias entre os fiéis leigos. Também os carismas nascidos em outras épocas podem ser compartilhados pelas gerações contemporâneas, perseverando no tempo como uma herança preciosa e viva, que gera uma afinidade espiritual entre as pessoas: Francisco, Clara, Teresa D'Avila, João da Cruz, Teresa de Lisieux, Dom Bosco, Teresa de Calcutá, Chiara Lubich [...]. São tantos os portadores destes sopros do Espírito Santo em favor do povo de Deus.

Da aceitação destes carismas, mesmo dos mais simples, nasce em favor de cada um dos fiéis o direito e o dever de exercê-los para o bem dos homens e a edificação da Igreja, dentro da Igreja e do mundo, na liberdade do Espírito Santo, que 'sopra onde quer' (Jo 3,8), e ao mesmo tempo na comunhão com os irmãos em Cristo, sobretudo com seus pastores, a quem cabe julgar sobre a autenticidade e o uso dos carismas dentro da ordem, não por certo para extinguirem o Espírito, mas para provarem tudo e reterem o que é bom⁴¹.

Entre os fiéis leigos e os ministros ordenados deve permanecer uma constante e plena unidade, tanto nas suas tarefas pastorais quanto nas espirituais. Um carisma não pode ser comprometido pelo simples *querer ou não querer* do pároco. O carisma é um dom do Espírito Santo e só pode ser recebido com alegria, como mais uma ferramenta para a edificação da Igreja.

Segundo a expressão dos Santos Padres, *a Igreja é o lugar onde floresce o Espírito*,⁴² em meio aos aspectos institucional e carismático. O Magistério insiste na comunhão que deve existir entre os fiéis associados a um carisma e seus pastores. Uma vez que os fiéis leigos são chamados a participarem da missão da Igreja no apostolado, deveria brotar deles um *desejo luminoso de colaborar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e acolhida por todos os homens em toda a parte*.⁴³

A espiritualidade dos fiéis leigos deve revestir-se de características peculiares de acordo com o estado de cada um: vida matrimonial e familiar, celibato ou viuvez, doença, atividade profissional e social.⁴⁴ Cada fiel deve oferecer ao próximo aquela qualidade que tem de melhor. Deve aperfeiçoar os dons recebidos do Espírito Santo.

Além disso, os membros associados a uma Comunidade devem esforçar-se para:

Assimilar fielmente as características da espiritualidade que lhes é própria. Tenham igualmente em alta estima a competência profissional, o espírito de família e de civismo, bem como aquelas virtudes que fazem parte das



relações sociais, a saber, a honestidade, o espírito de justiça, a autenticidade, a afabilidade, a coragem, pois sem ela nem a verdadeira vida cristã pode subsistir⁴⁵.

No discurso feito por João Paulo II na Vigília de Pentecostes 98, o Papa disse que o encontro dos movimentos na Praça de São Pedro era uma prova palpável da *efusão* do Espírito Santo.

Cada movimento difere do outro, mas todos estão unidos na mesma comunhão e para a mesma missão. Alguns carismas suscitados pelo Espírito irrompem como vento impetuoso, que arrebatava e atraía as pessoas para novos caminhos de empenho missionário ao serviço radical do Evangelho, proclamando sem temor as verdades da fé, acolhendo como dom o fluxo vivo da tradição e suscitando em cada um o ardente desejo da santidade.⁴⁶

CONCLUSÃO

Os testemunhos de João Paulo II e de Bento XVI, como interventores dos grandes Congressos Mundiais dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades de 1998 e de 2006, não nos deixam dúvida sobre o reconhecimento das Novas Comunidades em nível de Igreja universal.⁴⁷ A partir de *maio de 98*, o mundo percebeu a força e a dinâmica das Novas Comunidades. E eles finalmente começaram a ocupar seus lugares como protagonistas da promoção da paz e da fraternidade entre povos e nações.

Na Europa, foi organizado o congresso *Juntos pela Europa* em Stuttgart, na Alemanha. O evento foi promovido por Movimentos e Comunidades de renovação espiritual e de empenho social com o objetivo de dar esperança e *espírito* ao processo de unificação da Europa. O primeiro *Juntos pela Europa* aconteceu no dia 08 de maio de 2004 e foi organizado por 175 Movimentos e Comunidades católicos, evangélicos, ortodoxos e anglicanos. Estiveram presentes judeus, muçulmanos e membros de outras religiões. Participaram cerca de 10 mil pessoas e mais de 100 mil coligados via satélite com Stuttgart em 163 cidades da Europa, de 30 países. O segundo *Juntos pela Europa* em Stuttgart aconteceu no dia 12 de maio de 2007. Desta vez estiveram reunidos cerca de 250 Movimentos e Comunidades, unidos num pacto de amor recíproco, dando um *testemunho comum* de dinamismo e comunhão.

No Brasil, são organizados os Encontros Nacionais dos Movimentos Eclesiais e Associações Laicais (ENMEAL). Este encontro, que é uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com a colaboração do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), responde ao projeto de evangelização *Queremos ver Jesus, Caminho, Verdade e Vida*. O I Encontro Nacional dos Movimentos Eclesiais aconteceu nos dias 24 a 26 de novembro de 2000, na cidade de Goiânia-GO. O II ENMEAL foi realizado nos dias 23 e 25 de setembro de 2005 no Centro Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista-SP. E o III ENMEAL, também realizado no Centro Mariápolis Ginetta, aconteceu nos dias 15 a 17 de agosto de 2008. Estes encontros são mais uma expressão deste *testemunho comum* pedido pelo Papa João Paulo II em Pentecostes 1998: testemunho da unidade na diversidade.



O Brasil também foi sede do 12º Congresso Mundial das Novas Comunidades, realizado nos dias 1º a 06 de novembro de 2006, na Canção Nova, em Cachoeira Paulista-SP. O Congresso reuniu cerca de 15 mil pessoas de 12 países e contou com a participação de Dom Stanislaw Rylko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, do Vaticano.

Finalmente, o que deve permanecer como garantia de que as Novas Comunidades são verdadeiramente dons do Espírito Santo são os frutos que elas deixam. Algumas Novas Comunidades serão mais engajadas nos maiores desafios do século XXI. Outras talvez se abrirão às exigências de transformação social inerentes ao Evangelho de Jesus Cristo.⁴⁸ E outras ainda estarão mais empenhados em promover uma renovação espiritual na vida das pessoas, fazendo com que elas tenham um encontro pessoal com Jesus Cristo. Não importa o carisma ou a forma de atuação no mundo, pois todas cabem dentro da Igreja. O mais importante, para que haja unidade, é que as Novas Comunidades fiquem inseridas *nas Igrejas locais e nas paróquias, sempre permanecendo em comunhão com os Pastores e atentos às suas indicações.*⁴⁹

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI, Papa. *Mensagem aos participantes do II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*, 22 de maio de 2006. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CADRIN, Daniel. Nouvelles Communautés, émergentes et immergées. In: *LUMEN VITAE. Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale*. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés. Bruxelles, n. 4, 2007.

CATECISMO da Igreja Católica. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CAZA, Lorraine. Éléments pour une réflexion théologique sur les mouvements nouveaux et les communautés nouvelles. In: *LUMEN VITAE. Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale*. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés. Bruxelles, n. 4, 2007.

CÓDIGO de Direito Canônico. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 5, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Subsídios n. 03, *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

HEGGE, Christoph (Coord.). *La Chiesa Fiorisce: i movimenti e le nuove comunità*. Roma: Città Nuova, 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici: sobre Vocaçao e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990. (Documentos Pontifícios, 225).



JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem aos participantes do I Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*, promovido pelo Pontifício Conselho para os Leigos, 27 de maio de 1998. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

JOÃO PAULO II, Papa. *Vigília de oração durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais*, 30 de maio de 1998. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

PAULO VI, Papa. Decreto Apostolicam Actuositatem: sobre o Apostolado dos Leigos. In VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

RYLKO, Stanislaw, Dom. *Novas Comunidades para uma Nova Evangelização*, 1 a 6 de novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com.br>>. Acesso em: 1 de abril de 2008.

VALDRINI, P. *Droit Canonique*. 2. ed. Paris : Précis Dalloz, 1999.

VILLEMIN, Laurent. L'éclosion des nouveaux mouvements. Une question à l'ecclésiologie. In: LUMEN VITAE. *Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés*. Bruxelles, n. 4, 2007.

NOTAS

*Sacerdote da Diocese de Lins - SP. Possui graduação em Comunicação Social, graduação em Filosofia, graduação em Teologia, diplomado em Comunicação pela Université de Paris II, mestrado em Comunicação pela Université Catholique de Louvain (Bélgica), mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor da área de Teologia Pastoral da Faculdade João Paulo II, de Marília-SP.

¹ JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*. Roma, 27 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*. Roma, 27 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

⁵ RATZINGER, MISSORI apud CAZA, Lorraine. Éléments pour une réflexion théologique sur les mouvements nouveaux et les communautés nouvelles. In LUMEN VITAE. *Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale*. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés. Bruxelles, n. 4, 2007, p. 434. (Tradução nossa).

⁶ Congresso de 31 de maio a 2 de junho. Encontro com o Papa Bento XVI no dia 3 de junho de 2006.



⁷ BENTO XVI, Papa. *Mensagem aos participantes do II Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*, 22 de maio de 2006. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

⁸ RYLKO, apud CAZA, Lorraine. Éléments pour une réflexion théologique sur les mouvements nouveaux et les communautés nouvelles. In: LUMEN VITAE. *Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés*. Bruxelles, n. 4, 2007, p. 435. (Tradução nossa).

⁹ RYLKO, apud CAZA, 2007, p. 435. (Tradução nossa).

¹⁰ Ibid., p. 435.

¹¹ Cf. RYLKO, apud CAZA, 2007, p. 444. (Tradução nossa).

¹² Cf. CAZA, 2007, p. 445. (Tradução nossa).

¹³ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja. In VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 39.

¹⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Subsídios n. 03. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 25.

¹⁵ Cf. VALDRINI, P. *Droit Canonique*. 2. ed. Paris: Précis Dalloz, 1999, n. 182 e 202. (Tradução nossa).

¹⁶ CÓDIGO de Direito Canônico. 6.ed. São Paulo: Loyola, 2006, Cân.298 §1.

¹⁷ JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici: sobre Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. (Documentos Pontifícios, 225).

¹⁸ Ibid., p.71.

¹⁹ Ibid., p.71.

²⁰ PAULO VI, Papa. Decreto Apostolicam Actuositatem: sobre o Apostolado dos Leigos. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1968, p.535.

²¹ Cf. VILLEMEN, Laurent. L'éclosion des nouveaux mouvements. Une question à l'ecclésiologie. In: LUMEN VITAE. *Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés*. Bruxelles, n. 4, 2007, p.371, tradução nossa.

²² CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 5, 2007, Aparecida. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007, p.141.

²³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 5, 2007, p.221.

²⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 5, 2007, p.141.

²⁵ Ibid., p.221.

²⁶ Op. cit., JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*, p. 87.

²⁷ Ibid., p. 86-87.

²⁸ Ibid., p. 87.

²⁹ Op. cit., CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Subsídios n. 03, *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*, p. 24.

³⁰ Cf. CADRIN, Daniel. Nouvelles Communautés, émergentes et immergées. In LUMEN VITAE. *Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale. Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés*. Bruxelles, n. 4, 2007, p. 383, tradução nossa.



³¹ Cf. HEGGE, Christoph (Coord.). *La Chiesa Fiorisce: i movimenti e le nuove comunità*. Roma: Città Nuova, 2006, p.136-137, tradução nossa.

³² JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*. Roma, 27 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

³³ Idid.

³⁴ Cf. HANNA, apud VILLEMIN, Laurent. L'éclosion des nouveaux mouvements. Une question à l'ecclésiologie. In LUMEN VITAE. Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale. *Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés*. Bruxelles, n. 4, 2007, p. 372, tradução nossa.

³⁵ Cf. Op. cit., JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*, p. 71.

³⁶ KERIGMA: termo grego designado para a pregação apostólica, ou seja, pregação a partir da vivência do encontro com o Ressuscitado. O núcleo da pregação querigmática é a Ressurreição, tendo como objetivo levar o crente a se adequar ao projeto de vida de Jesus.

³⁷ Op. cit., CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Subsídios n. 03. *Igreja particular, movimentos eclesiais e novas comunidades*, p.24.

³⁸ JOÃO PAULO II, Papa. *Mensagem do Papa João Paulo II aos participantes do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais*. Roma, 27 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/documents/rc_pc_laity_doc_27051998_movements-mes-hf_po.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

³⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴⁰ Op. cit., JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*, p. 59.

⁴¹ Op. cit., PAULO VI, Papa. Decreto Apostolicam Actuositatem: sobre o Apostolado dos Leigos. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II*, p. 532-533.

⁴² CATECISMO da Igreja Católica. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 215.

⁴³ Op. cit., PAULO VI, Papa. Decreto Apostolicam Actuositatem: sobre o Apostolado dos Leigos. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II*, p. 532.

⁴⁴ Cf. Ibid., p. 534-535.

⁴⁵ Ibid., p. 535.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, Papa. *Vigília de oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. Roma, 30 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni_po.html>. Acesso em 18 de agosto de 2008.

⁴⁷ Op. cit., CAZA, Lorraine. Éléments pour une réflexion théologique sur les mouvements nouveaux et les communautés nouvelles. In: LUMEN VITAE. Revue Internationale de Catéchèse et de Pastorale. *Communautés Nouvelles, Nouvelles Communautés*, p. 435, tradução nossa.

⁴⁸ Cf. Ibid., p.447, tradução nossa.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, Papa. *Vigília de oração presidida pelo Papa João Paulo II durante o Encontro dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades*. Roma, 30 de maio de 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni_po.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2008.

Artigo submetido em 12/05/2012

Artigo Aprovado em 28/06/2012